

## QUESTÕES ERGONÔMICAS RELACIONADAS AO VESTUÁRIO DAS NOVAS IDOSAS

*Ergonomic Issues Related to the Clothing of the New Elderly*

Vianna, Claudia; M.Sc.; Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de  
Interfaces da PUC-Rio (LEUI), claudiammvianna@hotmail.com<sup>1</sup>

Quaresma, Manuela; D.Sc.; Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de  
Interfaces da PUC-Rio (LEUI), mquaresma@puc-rio.br<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta a relação das novas idosas, mulheres de 60 a 75 anos residentes na cidade do Rio de Janeiro, com o vestuário, com o objetivo de investigar se elas encontram no mercado roupas adequadas às suas necessidades, e se as questões ergonômicas de conforto, usabilidade, segurança e bem-estar são consideradas.

Palavras chave: Idosas; Vestuário; Design de Moda; Ergonomia na Moda.

### Abstract

This article presents the relation of the new elderly women, aged 60-75 in the city of Rio de Janeiro, with clothing, and aims to investigate if the market offers clothes appropriated to these women needs and if ergonomic issues such as comfort, usability, safety and welfare are taken into account.

Keywords: Elderly; Clothing; Fashion Design; Ergonomics in Fashion Design.

---

<sup>1</sup> Mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio – Professora do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio – Professora no curso de Design da Universidade Veiga de Almeida.

<sup>2</sup> Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio – Professora do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio.

## **Introdução**

Com o aumento do percentual de idosos brasileiros, é válido ressaltar o surgimento de uma nova idosa. Com os avanços da medicina e da tecnologia, e com a conquista de um poder aquisitivo mais estável, essas idosas se apresentam mais ativas e possuem uma maior participação dentro do âmbito social e profissional. Torna-se relevante, portanto, conhecer quais são as demandas das novas idosas no que concerne ao vestuário, a fim de se prover maior conforto, satisfação e segurança a elas.

Inserida na esfera social e profissional, a nova idosa situa-se na faixa etária de 60 a 75 anos. Apesar da existência de uma vida social ativa nessa idade, e de haver uma conseqüente demanda do consumo de roupas, as necessidades reais dessas mulheres ainda não são totalmente conhecidas no que diz respeito à aquisição de vestuário. Isto pois, ainda que ativas, as novas idosas são mulheres que, em decorrência de uma série de transformações apresentadas no corpo, encontram dificuldades em se adaptar aos mesmos padrões de vestuário da população adulta adotados nas confecções de vestuário. Diante da perda da estatura, da diminuição da massa óssea e muscular, do aumento do peso, entre outras características comuns à idade, acredita-se que exista uma lacuna entre o vestuário existente no mercado e as demandas da nova idosa.

As roupas para idosos encontradas hoje no mercado são elaboradas de acordo com os padrões de medidas dos jovens, sem levar em conta, muitas vezes, as questões de mobilidade, agilidade e conformação corporal distintas entre as duas gerações. Portanto, parte-se da hipótese de que o mercado de vestuário desconsidera as transformações do corpo da mulher idosa em termos de usabilidade, conforto, satisfação e segurança do vestuário. Assim, torna-se relevante ouvir a opinião destas novas idosas sobre estas variáveis.

A importância da ergonomia no vestuário é fundamental para o conforto, satisfação e segurança do idoso, e, segundo Lida (2005), o produto deve atender a três características básicas: qualidade técnica, relacionada com o funcionamento do produto; qualidade ergonômica, ou seja, a interação entre o produto e o usuário – com facilidade de manuseio, adaptação antropométrica,

informações claras, conforto e segurança; e qualidade estética, que deve proporcionar prazer ao consumidor e decorre da escolha das formas, cores, materiais, acabamentos e movimentos. Para o idoso, a qualidade técnica é a que vai proporcionar a eficiência e identificar se a roupa está adequada à função a qual se propõe. A qualidade ergonômica vai depender da facilidade de vestir e desvestir a peça, e da modelagem ter as medidas corretas. A questão da qualidade estética, que é a satisfação do usuário com o produto, dependerá da pesquisa do designer de moda na escolha dos tecidos, estes com características próprias ao uso por pessoas idosas.

### **A Nova Idosa e seu Vestuário**

A nova configuração do corpo da idosa, e as consequentes medidas corporais distintas, demanda uma modelagem particular, em que cuidados devam ser tomados para, segundo Grave (2004), não expor o corpo a alterações físicas. Para MacCann e Bryson (2014), as mudanças vivenciadas pelo corpo podem levar às idosas a terem dificuldades em escolher o vestuário adequado, pois as novas limitações fazem com que o ato de vestir se torne mais árduo. Como a pele fica mais fina com o envelhecimento, é imprescindível que os designers de moda se preocupem em indicar tecidos apropriados a esse contexto, utilizando materiais que não sejam ásperos, por exemplo.

Estudos feitos por diversos autores (Bartley e Warden, 1962; Shipley e Rosencranz, 1962; Chowdhary, 1997; Goldsberry, Shim e Reich, 1996a; Horne, Campbell e Scholz, 1999; Lee, Damhorst, Lee, Kozar e Martin, 2012; Horridge Woodson, 1990 *apud* Haffenden e Smith, 2014) mostraram a insatisfação dos idosos com a estética do vestuário existente. A partir destes estudos foram detectados alguns problemas, como roupas sem mangas, decotes muito largos e profundos, utilização de tecidos sintéticos e que irritam a pele, tipos de fechamentos que causam desconforto – como o zíper, para quem sofre de artrite –, cores não disponíveis nos tamanhos e modelos preferidos, e ainda a funcionalidade não compatível com a aparência.

Conectados com as novas tecnologias e em busca de independência, os idosos hoje praticam esportes, viajam, estudam e procuram consumir moda.

As empresas devem estar atentas a esse novo consumidor, que têm escolhas próprias, são mais exigentes na relação custo-benefício, sabem o que querem, e não abrem mão do conforto e bem-estar. O mercado de produtos de vestuário se diferencia pelo seu público alvo, que tem desejos e características próprias. Além do sexo e da idade, outros fatores como comportamento, cultura, estilo de vida, grupos sociais e necessidades específicas interferem na escolha da roupa. Se o mercado não atinge algumas destas especificidades e expectativas, essa lacuna precisa ser melhor explorada.

Os produtos de vestuário nem sempre estão adequados às necessidades dos usuários idosos. As questões ergonômicas de conforto, usabilidade, satisfação e segurança não estão sendo consideradas, e o vestuário produzido hoje é baseado nas tabelas de medidas existentes dentro de padrões pré-estabelecidos. Nestes, nem todas as mulheres idosas se encaixam, resultando em frustração para umas e em falta de interesse a outras. Nesta conjuntura, é imprescindível entender quais são as necessidades da mulher idosa em relação ao vestuário: Qual é a opinião delas em relação ao vestuário disponível no mercado? Quais são os modelos que as atendem e o que falta? Quais são suas preferências e desejos em termos de conforto, usabilidade, satisfação e segurança da roupa?

## **Metodologia**

A metodologia adotada nesta pesquisa foi de cunho qualitativo, que se caracteriza, segundo Dias (2000), basicamente de uma pesquisa que trata de informações mais subjetivas sobre um determinado fenômeno, e não apresenta medidas numéricas e análises estatísticas. Para tanto, buscou-se conduzir um grupo focal para obter, de um modo geral, a opinião das novas idosas sobre o vestuário.

O objetivo da técnica do grupo focal neste trabalho foi o de identificar os problemas que ocorrem em relação ao vestuário das participantes, obter a opinião sobre as roupas mais desejadas e as mais repudiadas, e identificar as lojas em que essas mulheres costumam comprar. Além disso, buscou-se entender sobre as transformações que ocorrem com o corpo das mulheres com

a idade, saber se elas encontram dificuldades de usabilidade com as roupas oferecidas no mercado, e, ainda, se essas roupas agregam conforto e segurança, com o propósito de verificar o quanto o mercado atende aos desejos e às necessidades das participantes.

### Os Grupos de Foco

No total de quatro sessões de grupo focal realizadas, cada grupo foi formado por quatro mulheres com idades entre 60 a 75 anos, residentes na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, ativas e inseridas no contexto profissional e social, com a presença do pesquisador responsável e de um pesquisador assistente. Durante a sessão foram apresentados, em dois *tablets*, oito *slides* contendo cada um uma série de imagens numeradas – para facilitar a identificação e registro da peça – de segmentos diferentes do vestuário, como: blusas, casacos/blazer, saias, vestidos, calças, bermudas/shorts, roupas de praia e estampas.

No primeiro *slide* (Figura 1, como exemplo), foram expostas imagens de blusa com manga curta, manga comprida e sem manga, com diversos tipos de decotes como: decote em V, decote no lugar, decote em U e decote canoa, além de babados, drapeados, pregas e laços, em tecidos variados. Com bases nas pesquisas analisadas, as mulheres mais velhas preferem blusas com manga e sem decotes profundos.

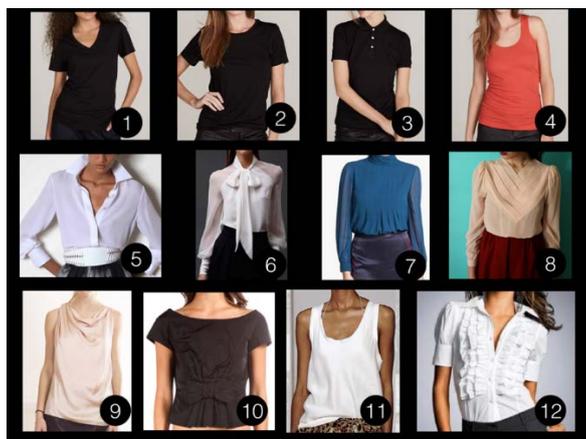


Figura 1 – Tipos de blusas.

No segundo *slide*, foram apresentados blazers e casacos de diversos tipos – como *spencers*, casaco de tricô e de lã, jaqueta de couro, blazers de

linho –, além dos diferentes comprimentos de mangas (compridas e três quartos), e peças com modelagem ou justa ou solta no corpo. As pesquisas mostraram como as mulheres prezam por aspectos da modelagem, do tecido e da funcionalidade da roupa. O terceiro *slide* mostrava saias em diversos comprimentos: curtas, no joelho e compridas; e em diferentes modelos, como justas, com pregas, plissadas e com fenda. Além disso, foram apresentadas em tecidos distintos, como linho, algodão, couro e seda. O comprimento e o modelo das saias fazem grande diferença em relação ao corpo das novas idosas, por isso a escolhas das diversas saias.

Os vestidos apareceram no quarto *slide*, em diversas variações: curtos, justos, compridos, no joelho, soltos no corpo, com mangas compridas, três-quartos, curtas ou sem mangas e com alças. Foram apresentados também em tecidos como *jeans*, linho, seda, malha e *voil*. A estética, a modelagem e o comprimento é que vão proporcionar a satisfação das usuárias em relação às peças. No quinto *slide* com modelos de calças foram expostas calças *legging*, *fuseau*, pantalonas, reta e capri, com cintura alta, no lugar, abaixo do umbigo ou bem abaixo do umbigo, e em vários tipos de tecidos como: linho, *jeans*, crepe, malha e lã. Também foram escolhidas tanto modelagens mais justas quanto mais soltas, para verificar as questões do conforto e, ainda, a preferência em relação ao zíper e ao elástico e a necessidade de bolsos.

O sexto *slide* teve o propósito de apresentar as bermudas e *shorts* em diversos comprimentos e tecidos, como *jeans* e sarja. Não foram encontradas pesquisas referentes ao uso de bermudas e *shorts* pelas mulheres idosas, porém, como os grupos de foco foram realizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, é possível que esta peça do vestuário seja usada por grande parte dessas mulheres. No sétimo *slide*, mostrou-se os maiôs e biquínis, com diferentes tipos de alça, modelos e modelagem. Como mencionado anteriormente em relação ao local de realização da pesquisa, as novas idosas da cidade também frequentam piscinas e praias, onde o uso de roupa própria para banho se faz necessário.

Em relação às estampas, o último *slide* apresentou uma grande variedade: bolas, listras horizontais e verticais, flores, frutas, estampas abstratas, de animais e bordados. Apesar de as estampas estarem cada uma

relacionada a uma peça do vestuário, o foco principal foi dado a elas. Com base na pesquisa de materiais, foi constatado que esta nova idosa preza pela estética e pelo caimento da roupa, e não deseja se vestir como uma idosa, mas sim ter opções de escolha no mercado de vestuário pelo que mais a agrada.

### **Análise dos Resultados dos Grupos de Foco**

A análise das roupas apresentadas às participantes dos grupos de foco foi importante para perceber o quanto a modelagem interfere no resultado final do produto vestuário: quando esta não considera as transformações que ocorrem no corpo da mulher com o passar dos anos, pode prejudicar a usabilidade, o conforto, satisfação e segurança das usuárias com as roupas. Nesses grupos focais também foram expostas as dificuldades das novas idosas em encontrar no mercado modelos esteticamente desejáveis, além de problemas referentes às preferências por diferentes tecidos, especialmente pelos que proporcionam maior conforto e que sejam de fácil manutenção.

As participantes dos grupos de foco não manifestaram grandes dificuldades no ato de vestir e desvestir as roupas, porém, relataram a dificuldade em vestir roupas com aberturas na parte de trás do corpo. O conforto foi um requisito da qual elas não abrem mão, tanto em relação à modelagem, para não limitar os movimentos, quanto ao tipo de tecido, pelo toque direto com a pele e pela manutenção da roupa. Na questão da segurança, a influência do tecido também foi considerada, uma vez que a pele se torna mais fina e ressecada com o envelhecimento e, conseqüentemente, é possível que ocorram irritações ou ferimentos. Sob o ponto de vista da satisfação, as mulheres manifestaram o desejo de usar roupas com bom caimento e de estarem na moda, fatores fundamentais para a autoestima.

Um dos grandes problemas constatados nos grupos de foco foi a questão da numeração das peças de vestuário. As lojas de vestuário utilizam, na sua maioria, tabelas de medidas ou nos padrões oficiais brasileiros, como da ABNT, ou nos estabelecidos pelas próprias marcas, e as participantes não se sentem inseridas nessas métricas. Tal fato resulta na dificuldade na escolha do tamanho ideal, pois além da proporcionalidade do corpo da mulher idosa ser

diferente do corpo considerado padrão, os tamanhos diferem de uma marca para a outra. De acordo com as participantes, algumas redes de lojas internacionais nem ao menos oferecem roupas voltadas para o público idoso, pois a numeração, por maior que seja, não condiz com o tamanho e as dimensões reais das consumidoras.

As questões referentes à modelagem estão entre as principais queixas das participantes dos grupos de foco. As modelagens das blusas e camisas mostradas (Figura 1) às participantes nem sempre agradam. Em relação às *T-shirts* de malha – com decote no lugar ou com decote “V” –, por exemplo, as mulheres ressaltaram que tais peças não favorecem a silhueta, pois evidenciam negativamente as curvas do corpo. Entretanto, a peça com o decote em “V” foi mais aceita, visto o fato de alongar a silhueta. O decote no lugar, por outro lado, incomodou praticamente todas as participantes, que alegam sentir muito calor. Quanto à modelagem da camisa polo, a maioria das mulheres afirmou não usar por a considerarem muito justa e fechada. As camisetas tipo regata não são vestidas pela maior parte das novas idosas, por serem muito decotadas e, principalmente, por não terem mangas. Em geral, as novas idosas não querem mais expor os braços pelo aspecto visual da pele, que sofre a perda do tônus com a idade.

As camisas sociais foram bem aceitas, mas somente para serem vestidas para fora da calça, porque, quando por dentro, não ajudam a esconder o sobrepeso e acabam dando a impressão de engordar. Camisas e blusas com muitas informações também não contribuem à estética do corpo: os laços no decote aumentam o busto, assim como pregas, nervuras e babados. O mesmo acontece quando tais informações estão localizadas na linha da cintura, aumentando o volume do abdômen. As blusas com o comprimento muito curto também não agradam ao gosto dessas mulheres, pelo fato de não disfarçarem o volume do abdômen e por evidenciarem o quadril. Algumas das blusas analisadas pelo grupo, como as com laço tipo gravata e as com pregas na altura do busto, foram tidas como “roupas de velha”, remetendo, por vezes, à visão dessas em relação a suas próprias mães. Constatou-se também que os modelos com alças mais estreitas não são usados pela maioria, pelo fato das

novas idosas não se vestirem mais sem o sutiã, sendo que as alças da peça íntima não devem aparecer sob a roupa.

Ainda em relação às blusas e camisas, a medida do perímetro do busto destas muitas vezes é menor em proporção ao comprimento, mesmo que a ideia seja de uma blusa mais curta ou comprida. Ou seja, as blusas tendem a ficar muito justas no busto, ou não no comprimento ideal. As participantes ressaltaram também aspectos de manutenção das roupas. As blusas de malha e de tecidos mistos foram consideradas mais práticas de lavar, sendo que algumas peças nem precisam ser passadas. Já as de algodão e linho têm a vantagem de também secarem rápido, mas é preciso passá-las.

Sobre os casacos e blazers, as opiniões das participantes divergiram na questão da manga três quartos, com algumas das mulheres afirmando gostar do comprimento, e outras não. Quanto às mangas franzidas, todas as participantes concordaram não serem apropriadas à idade. Em relação aos blazers clássicos, tanto as modelagens mais largas na altura da cintura e quanto as com a cintura acentuada agradaram a todas, mas certas participantes enfatizaram não usar mais as peças, pois estas as fazem lembrar do uso frequente no passado, quando ainda trabalhavam. O *twin-set* e cardigã ou casaquinho de tricô – também foi controverso, com algumas mulheres afirmando amá-lo enquanto outras acreditam que o conjunto “envelhece” quem o usa, além de lembrá-las da infância, quando usavam conjuntos de Ban-Lon (casacos de tecido sintético, datados dos anos 1950 até início dos 1960).

A jaqueta de couro não atraiu a nenhum dos grupos de foco, pois, de acordo com as participantes, o couro limita os movimentos e não tem bom caimento para mulheres com sobrepeso. Apesar disso, muitas atestaram já ter usado a peça quando mais jovens. Do mesmo modo, os casacos muito justos ao corpo e com muitas aberturas salientam os volumes do busto e do abdômen, não satisfazendo ao gosto das mulheres. Os casacos de *tweed* sem gola, que remetem aos modelos da marca francesa Chanel, também não agradam, em virtude da quantidade de aviamentos, como botões muito grandes, viés e desfiados, e de “envelhecerem” as usuárias. As participantes ressaltaram que os casacos na altura da cintura, ou um pouco acima, julgam não ser próprios para a idade, pois destacam o volume do abdômen e a largura

da cintura, já não tão bem definida quanto antes. Já os casacos com recortes e com pregas na região do quadril fazem sobressair o mesmo, e as participantes os consideram de uso inadequado. Não foram citadas dificuldades em vestir e desvestir casacos, blazers ou jaquetas.

Em relação às saias, algumas das participantes disseram não usar saias compridas, pois acreditam que estas não favorecem o corpo das mulheres de estatura mais baixa ou as acima do peso. Elas afirmaram não gostar de saias de comprimento mais longo e com grande volume de tecido. Entretanto, parte das mulheres que usam esses modelos longos os consideram práticos, confortáveis e modernos. Já as saias *midi* não agradaram no geral, em vista de se tratar de um comprimento que, para as participantes, não favorece a silhueta. Elas destacaram ainda que não usam mais as saias godês nem as com franzidos na região da cintura, por conta do novo corpo. Apesar de acharem tais peças bonitas, na opinião dos grupos é preciso ser magra para vesti-las. Como explicaram as participantes, para usar saias plissadas, o tecido deve ser mais fino e a mulher, magra e alta.

A maioria das mulheres prefere as saias com modelagem reta no corpo, mas, no entanto, não colocam mais a blusa por dentro da peça, e elegem as sem bolso para não criar mais um volume na silhueta. Uma das participantes declarou que só usaria saia com meia, pois assim esconderia as varizes das pernas adquiridas com a idade. A saia tipo lápis foi elogiada por todas as mulheres, porém muitas não a usam por ser muito justa. As participantes dos grupos de foco enfatizaram que seus corpos não são mais os mesmos de antes, e para elas, é preciso ser magra, alta e não ter volume na barriga para usar esse tipo de saia mais estreita. Apenas poucas mulheres afirmaram usar eventualmente saias com fenda, porém, apenas se esta chegar, ao máximo, até a altura do joelho. Isto pelo fato de julgarem não ter mais idade para mostrar as pernas. Todas as mulheres disseram não vestir mais saias curtas ou mini.

Quanto aos vestidos, os que mais agradaram às participantes foram os de estilo *chemise*, abotoados na frente, com mangas e comprimento na altura do joelho. Os longos agradaram, de um modo geral, às mulheres dos grupos, com exceção das de estatura mais baixa, que argumentaram que o

comprimento não favorece – o discurso foi o mesmo em relação ao comprimento das saias. Constatou-se, novamente, através das imagens dos vestidos, que as participantes não gostam de decote no lugar e de decotes profundos. As alças finas também não agradam, pois não permitem o uso de sutiã e só são usadas em dias de muito calor ou com uma sobreposição de jaqueta. Dependendo do modelo do vestido, quando mais curto, algumas das mulheres disseram que só usariam caso vestissem uma calça *legging* por baixo. De acordo com os grupos, o vestido ideal, em termo de silhueta, é o de caimento reto, pois não gostam de vestidos muito colados no corpo, nem dos muito largos. As peças mais justas no corpo marcam demais os volumes do busto, do quadril e do abdômen. Já os vestidos mais amplos não favorecem o aspecto visual, por darem a impressão de uma mulher totalmente sem formas.

Os grupos de foco revelaram também que, por vezes, as calças compridas podem ser confortáveis e práticas, mas muitas mulheres têm dificuldade em comprar os modelos certos, preferindo assim usar vestidos, pela praticidade. Segundo as participantes, as calças *legging* (colada no corpo e de comprimento variado) e *fuseau* (colada no corpo e presa por alça na sola do pé) só são usadas em conjunto com blusas ou camisas com comprimento abaixo do quadril. Para a maioria, a *legging* serve apenas para a prática de exercícios. A altura do cóis é um problema enfrentado pelas mulheres. As calças de cóis baixo não se adaptam bem ao corpo das idosas, principalmente em decorrência do volume do abdômen, que aumenta com a idade. Nenhuma das participantes dos grupos disse usar calças com essa característica. Os modelos com cintura alta também incomodam na região abdominal, portanto a preferência dos grupos de foco está nas calças com a cintura no lugar. Além disso, algumas das novas idosas relataram preferir as calças compridas com elástico na cintura e sem zíper, e outras discordaram, afirmando que o elástico tende a engordar a silhueta.

As participantes elegeram alguns modelos de calças, e comprimentos variados, como preferidos. Muitas concordaram gostar das peças mais curtas como, as capri e *cigarrete* (calça reta, justa e de boca fina, geralmente na altura do tornozelo). Outras escolheram como favoritas as com comprimento abaixo do tornozelo. De certa forma, as observações sobre os comprimentos das

calças foram contraditórias entre os grupos: para algumas participantes, as calças mais curtas não caem bem, no sentido estético, em mulheres de estatura baixa; para outras, o efeito é contrário, pois acreditam que o comprimento mais curto favorece, uma vez que dá a impressão de alongar o corpo.

Certas modelagens de calças também foram citadas como preferidas pelas participantes, destacando-se as calças de pernas retas, e em outro extremo, as pantalonas e as do tipo *flare* (com a boca mais larga). A calça *skinny* foi unânime e não agradou por ser muito justa nas coxas e pernas como um todo, e por prender os movimentos apesar do elastano. As calças de alfaiataria também não mais usadas por essas mulheres, pois possuem bolsos do tipo faca que aumentam o volume do quadril e aparentam “engordar”. Por fim, as calças *jeans* e as de malha são as mais usadas por todas, sendo relevante constatar a preferência por tecidos com elastano na composição, em virtude do conforto, da praticidade e da facilidade de movimentos.

Na questão da numeração e das calças compridas, as participantes dos grupos explicaram que as lojas não oferecem um padrão confiável, com os tamanhos usados por essas mulheres sendo variáveis dentro de uma mesma loja. Isto porque, muitas vezes, os modelos de calças são adquiridos em diferentes confecções, e essa variação resulta em insatisfação por parte das usuárias. Há casos também em que até mesmo calças compridas da mesma confecção possuem numerações de tamanho diferentes, dependendo da modelagem.

As participantes que declararam usar bermudas e *shorts* optam pelos tecidos jeans e sarja, e pelo comprimento acima do joelho. Já as bermudas de *lycra* são usadas apenas para a prática de exercícios e algumas mulheres disseram usar *shorts* só para irem à praia. Em relação às roupas de praia, como maiôs e biquínis, a maioria afirmou usar maiôs, de preferência os de cor lisa, sem estampas. Nessa categoria de vestuário, elas ressaltaram que as peças com drapeado na frente da barriga disfarçam o volume abdominal. Na lateral dos biquínis, o drapeado também impede que a peça aperte a gordura localizada e que divida o corpo em curvas desnecessárias. Quanto às alças, as amarradas no pescoço incomodam a cervical, causando dor, e as preferidas

são, portanto, as alças clássicas que se assemelham às dos sutiãs do dia-a-dia. As participantes que usam biquínis preferem os com a parte de baixo mais larga, com a cintura logo abaixo do umbigo. Sobre as estampas e cores, a preferência é por combinar a parte de cima e a de baixo do biquíni, que devem ser iguais. O biquíni deve ser ou todo liso ou todos com a mesma estampa. Para elas, a modelagem tanto dos maiôs quanto dos biquínis não deve ser muito cavada, e todas as mulheres relataram dificuldades em encontrar modelos de roupa de praia com a modelagem que julgam ser adequada à idade.

Em relação aos tecidos, as participantes têm preferência pelos que não tenham tanto a necessidade de passar e que sejam fáceis de lavar. Porém, apesar dessas conveniências, elas não deixam de usar tipos de tecidos com características diferentes. A malha fina, a seda, o crepe de seda, o algodão e a viscose foram citados em vista do toque agradável e do bom caimento. O linho também foi mencionado por se tratar de um tecido puro que, além de não ser encontrado com facilidade, faz com que a roupa amasse logo ao ser vestida. Os tecidos sintéticos em geral não agradam, principalmente por esquentarem muito nos dias mais quentes.

Apesar da temperatura da cidade do Rio de Janeiro ser elevada, nos dias em que ela abaixa as mulheres sentem necessidade de tecidos próprios ao frio. Elas apontaram a lã como o tecido menos usado, e deram preferência à malha mais grossa e ao acrílico. Além disso, algumas delas relataram ter alergia à lã, além de não gostarem de tecidos sem toque agradável em contato com a pele. A referência a tecidos com elastano foi muito forte, tanto em relação à sensação de conforto em usar roupas desse material – principalmente calças compridas –, como por não amarrotarem, contribuindo para uma boa aparência estética. Outro tecido bastante mencionado foi o *jeans*, principalmente o com elastano, que é praticamente usado por todas as participantes.

As preferências por padronagens em tecidos foram mencionadas nos grupos de foco a partir das estampas apresentadas. Em relação às listras, as favoritas são as verticais, que dão a impressão de alongar o corpo, enquanto as horizontais parecem aumentar o volume do mesmo. As estampas

relacionadas a animais, como as de zebra e as de onça, não são mais usadas pelas mulheres dos grupos, a não ser quando em algum detalhe na roupa ou em um acessório. As estampas grandes não agradam muito, mas ressaltou-se que, independentemente do tamanho, de serem grandes ou não, o gosto pelas estampas é mais uma questão de combinação de motivos e cores, assim como ocorre com os bordados. O tecido de *pois* agradou a todas, que ressaltaram simpatizar mais com a combinação das cores preto e branco ou de azul-marinho e branco, uma vez que foi apresentada a elas uma imagem com *pois* nas cores cinza e preto. Poucas mulheres afirmaram gostar de roupas coloridas, com a maioria preferindo tons mais neutros, como a cor preta. Entretanto, algumas concordaram que a cor bege, ainda que neutra, não favorece o visual.

### **Considerações finais**

Os grupos de foco demonstraram que existe uma lacuna no segmento de vestuário voltada às novas configurações do corpo da idosa. Para elas, poucas lojas oferecem o tipo de roupa que as agradam e com um bom caimento. Quando gostam de uma peça, por vezes a loja não oferece uma numeração maior, ou esse tamanho não está de acordo com as proporções do corpo delas. Em outras ocasiões, os modelos não são considerados, por elas, como apropriados à idade ou a roupa não é confeccionada com bons materiais e tecidos adequados à pele sensível e ressecada. Às vezes, marcas até oferecem opções de qualidade, mas as roupas parecem “de velha” ou têm algum outro aspecto negativo.

Um fator que contribui para experiências de compras negativas é justamente a escassez de opções para essas mulheres idosas, que relataram sentirem-se mal ao experimentarem roupas que não cabem. Algumas das participantes dos grupos ressaltaram que costumam fazer compras de roupas no exterior, onde sempre encontram a modelagem que se adapta aos seus corpos, além de modelos mais atuais e com preços muito inferiores aos encontrados no Brasil. As participantes explicaram ter dificuldades em encontrar tais peças, por priorizarem aspectos como roupas com mangas e que

não marquem a região do abdômen. Outro desafio está em encontrar roupas de praia adequadas, visto que a maioria passou a usar maiôs ao invés de biquínis, e os maiôs oferecidos no mercado não são, na opinião dessas mulheres, nem um pouco atrativos em termos de modelagem e estampas, o que gera uma grande insatisfação.

Poucas são as lojas que vendem produtos para essa faixa etária com uma modelagem adequada ao corpo da nova mulher, de acordo com as tendências da moda e com tecidos confortáveis. As observações feitas nos grupos de foco estavam quase sempre relacionadas às transformações do corpo decorrentes do envelhecimento. As participantes buscaram justificar suas escolhas de roupas focando principalmente em aspectos que disfarçam e escondem as imperfeições e as mudanças do corpo. Além disso, foi possível inferir que, muitas vezes, o vestuário disponível no mercado não corresponde às expectativas no quesito modelagem e não considera as especificidades da silhueta da mulher idosa.

#### Referências

BRYSON, D. Anatomical and Physiological Changes with Age: Implications for Apparel Design. University of Derby, Derby, UK. In: McCann, Jane e Bryson, David. *Textile-Led Design for the Active Ageing Population*. Cambridge: Elsevier, 2014.

CAMARANO, Ana Amélia e PASINATO, Ana Tereza. In: Camarano, Ana Amélia. (Org.) *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* Rio De Janeiro: IPEA, 2004.

DIAS, Claudia Augusto. Grupo Focal: Técnica de Coleta de Dados em Pesquisas Qualitativas. *Informação & Sociedade, Estudos*. 10.2, 2000.

HAFFENDEN, V. e SMITH, J. Designing Base Layers for Apparel for the Active Ageing Population: Balancing Technology and Aesthetics. University of Brighton, Brighton, UK. In: McCann, Jane e Bryson, David. *Textile- Led Design for the Active Ageing Population*. Cambridge: Elsevier, 2014.

IIDA, Itiro. *Ergonomia – Projeto e Produção*. 2ª Ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2005, 614 p.

McCANN, Jane e BRYSON, David. *Textile-Led Design for the Active Ageing Population*. Cambridge: Elsevier, 2014.